

## GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO CIENTÍFICA: PERSPECTIVAS NA AMÉRICA LATINA. APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

## GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LA EDUCACIÓN CIENTÍFICA: PERSPECTIVAS LATINOAMERICANAS. PRESENTACIÓN DEL DOSSIER

Yonier Alexander Orozco Marin<sup>1</sup>

Jonathan Andrés Mosquera<sup>2</sup>

### **América Latina, territórios em luta.**

“Enquanto mulheres estiverem usando poder de classe ou de raça para dominar mulheres, a irmandade feminista não pode existir plenamente” mencionou em alguma ocasião a grande professora, escritora e ativista bell hooks, quem sempre insistiu em que seu pseudônimo fosse escrito em letras minúsculas. Desde a América Latina as lutas ao redor dessas opressões cada vez gritam mais alto e tecem esforços para se articular. Algumas frases relatam essas lutas incansáveis em nossos territórios diversos, mas marcados precisamente por isso, pela luta e pela resistência.

“Nenhuma mulher deveria sacrificar sua dignidade e segurança por trabalho” da líder trabalhista mexicana, Dolores Huerta. “Eu acho que a mulher do fim do mundo é aquela que busca, é aquela que grita, que reivindica, que sempre fica de pé”, da maravilhosa brasileira Elza Soares. “Somos seres humanos como os demais, com diversas visões políticas e ideológicas. Eu, por exemplo, entre esquerda e direita, continuo sendo preta” da incansável brasileira, Sueli Carneiro. “Se recebo dor, te devolvo amor. E quanto mais dor recebo, mas percebo que sou indestrutível” da *fodástica* cantora e artista drag do Brasil Pablló Vittar. “Em um mundo de minhocas capitalistas, precisa-se muita coragem para ser borboleta”, da Lohana Berkins, uma das pioneiras da luta travesti na Argentina. “Não haverá uma bicha em alguma esquina desequilibrando o futuro do seu homem?”, da sempre bicha em nossos corações, chilena, Pedro Lemebel. “Meu feminismo se transformou em luta” da brasileira Maria da Penha, depois de uma longa luta por transformar sua dor em uma conquista legislativa para as mulheres brasileiras.

A América Latina insiste em lutar. Insiste em se levantar diante de séculos de violência. E as questões de gênero e sexualidade reclamam também seu lugar nessas lutas. O mundo inteiro

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal do Norte de Tocantins, Doutor em Educação Científica e Tecnológica. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-4095-4875> E-mail [yonier.marin@mail.uft.edu.br](mailto:yonier.marin@mail.uft.edu.br)

<sup>2</sup> Doctor en Educación, Docente e Investigador Asociado de la Universidad Surcolombiana, Licenciatura en Ciencias Naturales y Educación Ambiental, Grupo de Investigación Conocimiento Profesional de Profesor de Ciencias. E-mail: [jonathan.mosquera@usco.edu.co](mailto:jonathan.mosquera@usco.edu.co)

escutou, aprendeu e replicou das lutas feministas chilenas em 2017, 2018 e 2019, inundando as ruas de movimentos sociais exigindo uma transformação social feminista e para a diversidade sexual e de gênero, mexendo com toda a estrutura social. Considerando essas lutas que fazem tremer as bases da luta no contexto latinoamericano, qual o papel que tem a escola? Qual o papel que tem a ciência? Qual o papel que tem o ensino das ciências naturais na escola? Quais as denúncias, constatações, anúncios e caminhos percorridos para a inserção das questões de gênero e sexualidade na educação científica em contextos da América Latina? Estamos acompanhando a luta que grita, exige, acolhe, desestabiliza e faz presença nas estruturas sociais e nos movimentos sociais? Quais são as nossas particularidades nessa interseção?

Atendendo a essas perguntas, trazemos o dossiê intitulado “Gênero e Sexualidade na Educação Científica: Perspectivas na América Latina”. Este dossiê propõe uma discussão modesta, mas plural e potente ao redor dessas perguntas com trabalhos de pesquisa, experiências, relatos e artes que dialogam desde Brasil, Chile, Colômbia e México. Partimos de reconhecer que as questões de gênero e sexualidade no ensino de ciências, geralmente associadas à Educação para a Sexualidade ou Educação para a Saúde ou em Saúde, constituem um campo que apresenta desafios e resistências na América Latina.

Essas categorias movimentam debates que transcendem as experiências de sala de aula e marcam, inclusive, confrontos políticos, discursos nacionais sobre ideologia de gênero e violência contra dissidentes da cis-heteronorma. Além disso, são questões onde as tensões com a afetividade e a subjetividade costumam ser pouco pensadas e reconhecidas em muitos cenários da formação humana. Nos ambientes escolares, os professores de ciências naturais são frequentemente chamados a abordar essas questões, a partir da legitimidade atribuída à legislação educacional dos países latino-americanos.

Nesse sentido, a educação científica pode constituir um espaço de reprodução de normas e violências, mas também de transgressão e construção de novas possibilidades de respeito aos direitos humanos e à justiça social. Como constatam os textos que compõem este dossiê desde o ensino de ciências naturais de maneira mais geral, mas também com discussões mais específicas com a biologia, a física, a química, e também, a grande área das engenharias. Esperamos que as discussões tecidas nos textos aqui reunidos possam fortalecer o reconhecimento dos desafios da América Latina em relação à Educação para a Sexualidade e à abordagem das questões de gênero e sexualidade no ensino de ciências e avançar na construção de uma identidade latino-americana para esta luta urgente e iminente.

## **Percorrendo as conversas deste dossiê**

Tivemos muita sorte. Se juntaram nesta iniciativa pessoas com ideias e contribuições muito ricas e importantes desde a pesquisa e desde relatos de experiências. Mas antes de apresentá-los, para fortalecer os diálogos e reconhecimento de perspectivas latinoamericanas, o dossiê inicia com quatro entrevistas a quatro grandes pesquisadoras, professoras e ativistas em diversas regiões da América Latina, que nutrem as discussões sobre as inserções de gênero e sexualidade na educação científica desde diversos contextos.

Optamos pelo formato de entrevista, pois reconhecemos a potência da fala informal para relatar experiências, lembranças, percursos e diálogos. Nas quatro entrevistas, além de conceitos da teoria, procuramos um contato mais informal com as experiências das autoras entrevistadas. São professoras e pesquisadoras que além das suas potentes trajetórias acadêmicas, de pesquisa e de vida, representam lugares de luta e movimentos sociais como mulheres trans, mulheres negras ou mulheres migrantes, que nos lembram a importância da transformação de uma sociedade que continua reforçando opressões e subalternizado sujeitos.

O dossiê abre com as entrevistas realizadas a quatro mulheres professoras e pesquisadoras de ampla trajetória, nas ciências naturais e ou no seu ensino, desde uma perspectiva da reflexão sobre a responsabilidade da ciência na sociedade. Entrevistas desde o Brasil, o Chile, a Colômbia e o México. Assim, estas quatro professoras contribuem para o dossiê a partir de suas experiências de aula, ações formativas e pensamentos que apontam luzes para superar o patriarcalismo e a cis-heteronorma que as sociedades constroem e estereotipam sobre a sexualidade e o gênero.

Iniciamos com a entrevista à Profa Dra. Siobhan Guerrero Mc Manus, desde o México, intitulada “Género y Biología, Cultura y Naturaleza. Dualismos a cuestionar para una educación en biología transgresora”. Siobhan, é reconhecida por sua ampla produção teórica sobre a filosofia da biologia e as abordagens pós-dualistas no campo e suas reflexões sobre a diversidade sexual e de gênero. Seu trabalho de base desde os transfeminismos, como pesquisadora trans, traz um olhar contemporâneo para o papel da biologia no combate a dualismos excludentes que desde a própria pesquisa na biologia vêm sendo questionados.

Continuamos com a entrevista à Profa Dra. Martha Cecilia Mosquera Urrutia, da Colômbia, com a entrevista que intitulamos “Diálogos entre Género, Sexualidad e Interculturalidad en la Educación Científica”. Professora da Universidade Surcolombiana e mulher afrocolombiana, conversamos com a professora Martha sobre as interseções dos debates interculturais com as questões de gênero e sexualidade na educação científica e na formação de professoras e professores. Sua participação elenca desafios que enfrentamos na sala de aula e que devemos assumir para uma educação emancipadora.

Convidamos também a Profa. Dra. Alice Alexandre Pagan, desde o Brasil, na entrevista intitulada “Por uma ciência feminista e uma educação científica fundamentada em relações mais diplomáticas e de cuidado com a natureza”. A professora Alice nos convida a pensar a questão das emoções e subjetividades nas ciências e seu ensino, compreendendo aprender ciência como um processo de estabelecer relações com a natureza para além da exploração e a objetificação, construindo possibilidades mais diplomáticas. Seu olhar como mulher trans e desde os ecotransfeminismos, aponta potências e desafios na formação de professoras e professores de ciências para transformar a sociedade. As artes em pintura da professora Alice acompanham este dossiê desde a capa.

Também contamos com a participação da Profa Dra. Johanna Patricia Camacho Gonzalez, desde o Chile, intitulada “Feminismos que empiezan a ser carne. De las teorías críticas

feministas a las transformaciones en la didáctica de las ciencias naturales”. Nascida na Colômbia e migrante no Chile, a professora Johanna é professora da Universidade de Chile e já foi presidenta da Sociedade Chilena de Educação Científica. É pioneira nas abordagens de gênero na formação de professoras e professores de ciências naturais no Chile, e nos estudos sobre os processos de materialização das discussões feministas nos espaços escolares.

## **Pesquisas e possibilidades para construir “caminhos outros” desde e para o Sul**

Após as discussões em formato de conversas nas entrevistas, o dossiê dá continuidade trazendo vinte relatos de pesquisa e ou experiências de diversas regiões da América Latina.

Abrimos as discussões com o texto intitulado “Ensinando a transgredir: Os modos como vamos nos tornando professoras negras na Licenciatura em Biologia” das autoras Leidiane dos Santos Aguiar Macambira, Kelly Meneses Fernandes, Alana Souza Alves Ferreira, Larissa Souza da Silva, que relata a experiência de um Projeto de Extensão, discutindo como a constituição de um grupo de estudos, a contribuição de intelectuais negras, e exercícios de escritas, podem possibilitar a formação de professoras negras antirracistas no ensino de biologia. Com o trabalho, realizado no Brasil, as autoras apontam que atuar na educação das relações étnico-raciais, requer de nós (mulheres negras) gestos de ensino-aprendizagem que nos possibilitem partilhar nossas realidades para que outras meninas e mulheres possam reconhecer sua negritude, se conectar e produzir para si modos de enfrentamento ao racismo cotidiano. Desta maneira, coloca uma pauta que parece inerente às discussões sobre gênero e sexualidade na educação, incluindo a científica, no contexto latinoamericano, a necessidade de compreender e trabalhar nas interseções e combate coletivo a outras formas de opressão destes territórios, por exemplo, o racismo.

Desde o Chile, continuamos com o trabalho dos(as) autores(as) José Venegas Inostroza e Johanna Camacho González, intitulado “La educación sexual para la diversidad sexual y de género en la educación científica chilena”. Tensiones desde la legislación a la práctica docente”. O texto problematiza o ato de rejeição de um projeto de Lei no Chile, em 2020, que procurava instaurar uma Lei de Educação Sexual Integral nesse país. O texto propõe então compreender como são visibilizadas (ou não) as dissidências sexuais e de gênero no marco legislativo chileno, no currículo de ciências naturais do país, e no discurso de uma professora de biologia. Os(as) autores(as) ressaltam a iminente urgência de políticas de educação sexual integral no Chile, perpassando as dimensões curriculares, mas também a formação de professoras(es) de ciências para superar práticas de educação sexual excludentes com as dissidências sexuais e de gênero.

Reconhecendo então a necessidade da interseccionalidade dos debates sobre gênero e sexualidade com outras categorias de opressão, como as opressões raciais, e a urgência de políticas de educação sexual integral em nossos contextos, desde o México, Mara Karidy Polanco Zuleta problematiza as práticas de ensino de professoras(es) de ciências na perspectiva

das epistemologias decoloniais e feministas. No texto intitulado “Epistemologías decoloniales y feministas: ¿qué ciencia aprendemos y enseñamos los y las profesoras de ciencias?”, a autora dialoga com as críticas realizadas desde os estudos decoloniais e feministas à epistemologia ocidental, expondo denúncias sobre eurocentrismos, androcentrismos, racismos e sexismos epistêmicos, assim como tensionando outras categorias como objetividade, universalidade, racionalidade, naturalização e binarismo. A autora chama a atenção para a necessidade de que professoras(es) de ciências realizemos exercícios de reflexão sobre nossas práticas abrindo possibilidades para transformações conscientes das violências que podemos reproduzir.

Bruno Tavares desde o Brasil, contribui com uma experiência diretamente desde sala de aula, que problematiza as violências, invisibilização e discursos que circulam nas aulas de biologia sobre a população intersexual. No texto intitulado “Eu, intersexo... Reflexões sobre intersexualidade no ensino de ciências”, o autor analisa, partindo das perspectivas de feministas biólogas, a construção e desenvolvimento de uma sequência didática sobre a temática de intersexualidade, voltada para estudantes do 8º ano do ensino fundamental. Dessa experiência, o autor ressalta a possibilidade de abordar a temática intersexualidade nas aulas de biologia a partir do estudo de conceitos anatomo-fisiológicos dessa condição, evitando o viés patológico tradicional de nosso campo, mas também, e com a mesma importância, algumas das reivindicações do movimento intersexo brasileiro.

O texto “Reflexiones desde las clases de biología en torno al consumo de la pornografía como un presunto educador sexual”, dos(as) autores(as) Julieta Carolina Valencia Valencia y Yonier Alexander Orozco Marin, desde a Colômbia, caracteriza as reflexões, perguntas, potencialidades e obstáculos surgidos por alunas(os) do ensino fundamental e suas famílias, no desenvolvimento de duas atividades direcionadas à discussão da pornografia de maior circulação comercial, dirigida principalmente a público cis, hetero e masculino, e que reforça violências contra as mulheres. O trabalho questiona as potencialidades e desafios de discutir um dos fenômenos mais marcantes da modernidade, como é a pornografia, em aulas de biologia, ao mesmo tempo que recalca à necessidade de formação das(os) professoras(es) de ciências para assumir esses desafios na educação para a sexualidade.

Joice Hinkel, Fernanda Ozelame de Souza, Suzani Cassiani e Irlan Von Linsingen, desde o Brasil, trazem o texto intitulado “As mulheres são menos produtivas que os homens: Diálogos com a colonialidade do gênero nos livros didáticos”. As(os) autoras(es) analisaram as contribuições dos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2021) da área das Ciências da Natureza e suas Tecnologias na perspectiva da colonialidade de gênero, conceito que cada vez ganha maior protagonismo no contexto da América Latina. O trabalho aponta que há maior presença das mulheres nos livros didáticos, aspecto que podemos considerar um avanço e conquista das incursões dos debates sobre gênero no ensino de ciências. Porém, também constatam que há silêncios sobre mulheres latino-americanas, negras ou indígenas, reforçando a necessidade de olhares interseccionais para o contexto latinoamericano.

As discussões de gênero e sexualidade não só atravessam o campo do ensino de biologia, conjunto de disciplinas com as quais parecem ter uma proximidade mais óbvia. O trabalho intitulado “É preciso estarmos atentos e fortes: Conhecendo gênero e performatizando sexualidade nos estudos dos encontros nacionais no ensino de química” de Thiago Barbosa dos Santos, Franklin Kaic Dutra-Pereira e Michele Bortolai, traz aproximações valiosas para o campo de ensino de química. Embora os(as) autores(as) constatarem a pouca presença de trabalhos interseccionando gênero e sexualidade na pesquisa em ensino de química, destacam que entre os presentes, são apontadas diversas possibilidades e novos horizontes para essa incursão na educação básica.

Já em relação às áreas das engenharias, Bruna Duarte Ferreira Frohmut e Rodrigo Avella Ramirez no trabalho intitulado “O processo de formação identitária de professoras engenheiras na educação profissional” analisam a inserção de mulheres engenheiras na docência, a compreensão do eixo tecnológico de controle e processos industriais ser predominantemente masculino e as dificuldades encontradas no exercício da docência, a partir da análise das narrativas de mulheres engenheiras que atuam como docentes em escolas técnicas estaduais da cidade de São Paulo. No trabalho é constatado que os discursos biológicos têm efeitos sobre a formação dos sujeitos, refletindo na identidade de mulheres professoras e engenheiras.

Atravessando também as discussões no ensino de física, Hugo dos Reis Detoni e Agnaldo da Conceição Esquincalha apresentam o trabalho intitulado “Um mapeamento de pesquisas em ensino de física sobre gêneros e sexualidades”. Os autores apontam que os trabalhos mapeados problematizam o pressuposto de que meninos são supostamente melhores que as meninas em física, os problemas de gênero na escola, a constituição de identidades generificadas na física, e outras revisões e diagnósticos. Os autores alertam que no ensino de física ainda parece predominar uma compreensão binária e pautada na cisgeneridade sobre gênero e sexualidade, com pouca exploração e inclusão de sujeitos dissidentes das normas heteronormativas.

Seguindo com a linha dos mapeamentos, desta vez de maneira mais abrangente para a área de ensino de ciências nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ensino de Ciências, no Brasil, o trabalho intitulado “Questões de gênero e feminismo na ciência e seu ensino: Convergências e aproximações” de Maíra Carolina Defendi Oliveira e Irlan Von Linsingen, identificou a necessidade de mais pesquisas sobre essas temáticas, além da busca por maior, mais respeitosa e afetuosa abordagem desses temas, tanto na formação de professores, quanto no Ensino de Ciências. Os(as) autores(as) destacam que mesmo timidamente, os cenários de possibilidades transgressoras na educação científica vêm sendo construídos, aspectos que atribuem à incidência das Epistemologias Feministas ganhando espaço no campo da Ciência e seu ensino, impulsionando transformações nas diversas concepções sobre a natureza do conhecimento e trabalho científico, permitindo uma sensibilidade para a diminuição de preconceitos e desigualdades, enraizados na nossa sociedade, que foram ao longo do tempo respaldados pela forma tradicional de se pensar e fazer Ciência.

Em um diálogo articulado entre a Colômbia e o México, Lisbeth Lorena Alvarado Guzman e Mara Karidy Polanco Zuleta propõem reflexões sobre o sujeito da ciência e suas implicações na educação científica. No trabalho intitulado “Viajar-Mundos hacia el sujeto de la ciencia y de la formación de profesores y profesoras de ciencias: Una propuesta de praxis educativa desde el feminismo decolonial”, as autoras dialogam com a decolonialidade do saber e o feminismo decolonial, explorando a relação entre universidade e escola, sustentando que a luta de professoras e professores por serem reconhecidos como sujeitos epistêmicos também é por justiça social e epistêmica. Nessa luta, as autoras apresentam o conceito de “viajantes de mundos” para que professoras(es) compreendam sua práxis educativa como uma viagem permanente aos mundos dos outros, para compreender e se compreender, tecer relações e criar mundos para “gozar la vida”.

Dessa maneira, desde a América Latina pode ser apontado que o marco da decolonialidade contribui a fundamentar teoricamente e politicamente a necessidade da interseção entre as discussões e lutas antirracistas e de diversidade sexual e de gênero na educação científica (MARIN, 2022), como uma particularidade urgente e inerente em nossos territórios, atravessando discussões sobre a própria ciência, a formação de professoras(es), a pesquisa no campo, as maneiras em que compreendemos os sujeitos dos processos de ensino e de aprendizagem, e as perspectivas desde as quais realizamos leituras sociais.

A discussão das abordagens de sexualidade e gênero em documentos curriculares também fez presença no dossiê, com o trabalho “Abordagem de sexualidade e gênero em documentos educacionais no estado do Paraná” de Wellington Soares de Lima e Lourdes Aparecida Della Justina, no qual uma pesquisa qualitativa é apresentada com a análise de seis documentos estaduais do Paraná, Brasil, que direcionam o trabalho docente em sala de aula. Os(as) autores(as) verificaram que a sexualidade e o gênero não foram muito abordados de maneira explícita, inicialmente por uma cautela com o esvaziamento de conteúdo específico das disciplinas e, posteriormente, por se inflamar discussões equivocadas em especial sobre as questões de gênero. Achados que corroboram a censura que essas temáticas vêm atravessando sistematicamente nos contextos latinoamericanos.

Do estado do Paraná no Brasil, viajamos para o sul da Colômbia, por meio do trabalho de Ayde Lavao Bustos, Matthew Alejandro Cano Anacona e Jonathan Andrés Mosquera, intitulado “Concepciones de estudiantes de educación secundaria sobre reproducción y sexualidad al interior de dos instituciones educativas en el sur de Colombia”, no qual foram identificadas as tendências de pensamento de alunas(os) do ensino fundamental sobre a aprendizagem construída na pandemia e após a pandemia sobre reprodução, sexualidade e intersexualidade. Corroborando que as(os) alunas(os) também tendem a abordar estas temáticas desde conteúdos biológicos e genéticos, ignorando elementos culturais e afetivos, aspectos que os(as) autores(as) relacionam com a ausência de modelos pedagógicos transversais nas escolas, e de currículos mais integrais sobre a sexualidade.

Colocando o olhar especificamente nos discursos sobre corpo humano que circulam em livros didáticos de ciências, Tainá Griep Maronn e Neusete Machado Rigo sustentam que nos livros didáticos do Plano Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2020 ocorre uma predominância dos discursos biológicos sobre corpo humano porém, destacam que os livros trazem situações que quando adequadamente trabalhadas pelas(os) professoras(es) apresentam aberturas para discussões socioculturais sobre o corpo. Discussões que as autoras condensam no trabalho intitulado “O corpo humano nos livros didáticos de ciências: Uma análise discursiva”.

O dossiê continua com uma contribuição que reforça a potencialidade de articular as questões de raça, gênero e sexualidade no ensino de ciências. O trabalho intitulado “Oficinas de comunicação na discussão sobre gênero, sexualidade e raça no ensino de ciências: Um relato de experiência” de Rebeca Patrícia Machado, Ana Lúcia Nunes de Sousa e Gisele dos Santos Costa, apresenta um relato de um projeto de extensão de esperança no meio do contexto conservador e de censura que atualmente permeia os contextos educativos no Brasil. Por meio de um conjunto de oficinas com estudantes da educação básica, os(as) jovens que participaram das propostas perceberam a importância de dialogar e combater as violências de gênero e raça, relacionando o debate com suas vivências.

Para além da dimensão pedagógica e didática das questões de gênero e sexualidade na educação científica, o trabalho de Fredy Mauricio Pardo Patiño e Jonathan Andrés Mosquera, intitulado “Percepciones de futuros profesionales sobre la violencia de género y su impacto en la comunidad educacional educativa de la Universidad Surcolombiana” nos lembra de que na formação de professoras(es) de ciências nas universidades também se apresentam episódios de violência que é necessário problematizar, pois mesmo não fazendo parte do currículo oficial, fundamentam possíveis aprendizagens e naturalizações de violências nos discursos desses(as) profissionais.

O trabalho intitulado “Desobediências no ensino de biologia: Aulas na formação inicial” de autoria de Lu Arthur Feola e Bettina Heerdts traz também um relato de uma experiência potente na formação inicial de professoras(es) de biologia. As autoras apresentam o planejamento e análise de aulas que ocorreram de forma online em virtude da pandemia de covid-19 partindo de referenciais pós-críticos e feministas e da discussão de situações problema no ambiente escolar. As autoras relatam que a experiência favoreceu que as(os) professoras(es) em formação pensem seu papel em relação às interseccionalidades, a diversidade de corpos e identidades possíveis.

Nessa linha, o trabalho de Pedro Raimundo Mathias de Miranda e José Moysés Alves, intitulado “Sentidos subjetivos sobre sexualidade mobilizados e construídos por estudantes do ensino médio em sala de aula” relata e caracteriza a transformação de pensamentos de alunas(os) do ensino médio, de um entendimento da sexualidade como sinônimo de órgãos genitais e/ou relação sexual para uma compreensão mais ampla que contempla elementos subjetivos, culturais e que percebem a sexualidade como um fenômeno complexo da humanidade.

Finalmente, e dialogando teoricamente com vários dos elementos elencados nos trabalhos que conformam o dossiê, desde a Colômbia o autor Christian Reynel Ríos Avella, participa com o texto intitulado “Sexualidad, ejercicios de control y cambios a implementar en la escuela: Cultura, género y currículo”. No texto, o autor apresenta um arcabouço teórico ao redor da interseção entre sexualidade e educação sexual, perpassando pelos eixos da normalização e a sexualidade, o gênero entendido como construção sociocultural, as perspectivas que orientam a educação sexual, e por último, algumas experiências de aula, possibilidades e desafios. O texto reafirma uma pauta indispensável também nos outros trabalhos que compõem o dossiê, a questão de que esses debates não podem ser momentâneos ou esporádicos na educação, mas pelo contrário, devem ser protagonistas, transversais, constantes e permanentes.

### **Sobre as artes que acompanham este dossiê**

As artes de capa e outros momentos que acompanham este dossiê são criação da artista Alice Alexandre Pagan. Licenciada em Biologia pela Universidade do Estado do Mato Grosso, doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, professora da Universidade Federal do Sergipe, mulher “trans(MAIS QUE)gênero” e entusiasta pelo ecofeminismo, Alice Alexandre Pagan sempre usou a arte como um instrumento de autoconhecimento.

Um dia, foi convidada para fazer uma fala de resistência ao destrato contra a exposição “Queermuseu – cartografias da diferença na arte da brasileira” em Porto Alegre (2017) e resolveu mostrar algumas de suas telas para ilustrar sua fala. Como resultado, foi convidada a expor suas obras em uma exposição organizada por estudantes do curso de Museologia da Universidade Federal do Sergipe. De lá para cá, não parou de exibir suas criações.

Em 2019, realizou a exposição “PRENDAda e desTRAVAda” no espaço Casa Amor (Aracajú) no âmbito da Semana da Visibilidade TRANS – sendo a primeira exposição de artes plásticas de uma pessoa trans em Sergipe. Sobre a origem do título, a artista relembra: “Nasci no sul do país, onde as meninas eram estimuladas a aprender a pintar guardanapos, a fazer crochê e a costurar, como forma de preparação para o homem. Essas eram as mulheres prendadas. Não me foi concedido o direito de ser prenda, posto a repressão contra minha feminilidade. Com o tempo percebi como é cruel e revoltante esse processo de construção da mulher prendada e passei a ter orgulho de, ao invés de prenda, ser uma trava”.

Em oposição ao que normalmente se espera da “mulher PRENDA”, a arte de Alice como “mulher TRAVA” tem como técnica justamente a inexistência de uma técnica, assim como a despreocupação com uma estética propositalmente desenvolvida para fomentar a recepção positiva da pessoa que observa suas criações. “O uso das linhas de crochê, das meias calças, dos borrões e das telas esfaqueadas e costuradas buscam representar o caminho de uma mulher livre, que se permite viver fetiches, romper dicotomias, criticar o mundo feito para os machos”, analisa a artista.

Para acompanhar e conhecer mais o trabalho da artista

<http://catalogoartemais.com.br/artista/alice-alexandre-pagan/> (Acesso em 17 de dezembro de 2022)

Instagram @prof.alicepagan

### **Avaliadores do dossiê**

Agradecemos enormemente, além das autoras e autores que realizaram suas contribuições para este dossiê, também às pessoas que participaram como avaliadores(as) dos trabalhos submetidos ao mesmo. Nutrindo com contribuições desde uma prática carinhosa, as reflexões trazidas pelas(os) autoras(es).

Andrés Espinoza Cara. Universidad Nacional de Rosario. Argentina.

Antônio Mauricio Fontinele de Freitas, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Bruno Tavares, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Dayana Liceth Cerón Castaño, Universidad Surcolombiana, Colômbia

Eliane Gonçalves Santos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Brasil.

Eva Teresinha de Oliveira Boff, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Fabiana Aparecida de Carvalho, Universidade Estadual de Maringá, Brasil

Joaklebio Alves da Silva. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil

Jonathan Andrés Mosquera, Universidad Surcolombiana, Colômbia.

José Joaquín García García, Universidad de Antioquia, Colômbia.

Lisbeth Lorena Alvarado Guzman, Universidade Estadual Paulista, Brasil.

Marlon Herbert Flora Barbosa Soares, Universidade Federal de Goiás, Brasil.

Sandro Prado Santos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil.

Simone dos Santos Ribeiro. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

Thalita Quatrocchio Liporini, Universidade Federal do Tocantins, Brasil.

Thiago de Souza Moura, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

Yeison Andrés Arboleda Piedrahita, Centro de Investigación y de Estudios Avanzados, México.

